

Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos

Francisco Benedito Leite¹

RESUMO: Com esse texto pretendemos apresentar, primeiro, brevemente a biografia de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, e em seguida alguns de seus conceitos e teorias, tentando não polarizá-las em nenhum campo específico da ciência, nem restringindo-o a nenhuma das disciplinas humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Mikhail M. Bakhtin, vida, conceitos, teorias, dialogismo.

ABSTRACT: With this text we intend to present, first, short biography of Mikhail Bakhtin Mikhailovich, and then some of its concepts and theories, trying not to polarize them in any specific field of science, not restricting it to any of the human disciplines.

KEYWORDS: Mikhail M. Bakhtin, life, concepts, theories, dialogism

¹ *Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários; Oráculo; e-mail: ethnosfran@hotmail.com*

Introdução

Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um pensador russo que nasceu em 1895 em uma cidade provincial chamada Orel, e que morreu em 1975, na capital da Rússia, Moscou. Uma vez que nesse artigo pretendemos apresentar seus conceitos e teorias, uma biografia detalhista fugiria do escopo de nossas intenções e possibilidades, contudo, vemos uma relação muito próxima entre a vida e a obra desse pensador, por isso se faz necessário a realização de uma breve biografia funcional, que se relacione sempre com os conceitos que pretendemos apresentar.

Estamos conscientes da dificuldade da apresentação de um pensador como Bakhtin, pois há uma densa penumbra que se sobrepõe diante da maioria das fases da sua vida, fases, as quais seus principais biógrafos não conseguiram alcançar. E, além disso, a contradição, a incompletude e a pluralidade são as principais características destacadas pelo pensador e que também estão presentes em sua própria vida, o que dificulta ainda mais, a já árdua tarefa.

Esses fatos fizeram com que a maioria dos estudiosos de Bakhtin, o apresentassem polarizando apenas uma de suas fases ou características de modo a suprimir o restante de seu pensamento, realizando a criação de muitos “Bakhtins” distintos. Contudo, apesar das dificuldades, aqui iremos apresentá-lo em sua incompletude e ambivalência, destacando sua característica que foi totalmente omitida pelos estudos de Bakhtin no Brasil, a religião.

Assim, nos próximos parágrafos resumiremos sua biografia escrita por Katerina Clarck e Michael Holquist (2004), permeando com nossos comentários e destacando a relação entre a teoria e a vida de Bakhtin.

1. A relação entre vida e pensamento de Mikhail M. Bakhtin

Bakhtin pertencia a uma família nobre que valorizava muito a educação, por isso, desde criança, ele e seu irmão Nikolai receberam a melhor educação possível, sendo introduzidos na cultura européia.

Nove anos após seu nascimento, a família Bakhtin se mudou para Vilno, capital da Lituânia, sete anos depois, Bakhtin se mudou para Odessa, para onde sua família havia partido a dois anos atrás. Essas duas cidades tiveram particular importância no desenvolvimento do pensamento de Bakhtin, pois, em Vilno se destacava uma confusão de diferentes línguas, sobretudo poloneses, russos, judeus além dos próprios lituânios, os quais, falavam cada um sua própria língua e cultivavam cada um sua própria cultura, fatos que parecem se relacionar diretamente com o conceito de “heteroglossia” e da “pré-história do gênero novelístico”, que futuramente ele desenvolveria. Odessa diferentemente de Vilno, não se voltava para a cultura ocidental, mas era um elo entre Europa meridional e a Rússia Czarista, as tavernas, o ambiente propício para a bandidagem e o ar de bom humor das ruas seria sugestivo para seu futuro conceito de carnavalização.

Foi nessa mesma cidade onde Bakhtin iniciou sua vida acadêmica, em 1913, mas deixou o curso superior um ano após, para reiniciá-lo em Petrogrado, onde matriculou-se no curso de estudos clássicos da Faculdade Filológica-Histórica. Seu período de universitário foi particularmente importante por que foi então que ele começou a se envolver em círculos intelectuais, os quais seriam determinantes para ele para o resto de sua vida e importantíssimo para toda sua teoria, pois em círculos de discussões intelectuais, nunca se fala em voz unívoca, mas sempre plural e sempre um enunciado é dado em resposta a outro, como no seu conceito de dialogismo.

Além de começar a se envolver nos círculos de discussão acadêmica, outro evento determinante nessa fase da vida de Bakhtin foi sua relação com o pensamento de Kiekgaard e com a teologia especulativa, que lhe atraiu durante um breve período de tempo. Mas, mais importante foi a influência de seu professor universitário Fadei F. Zielinsk que era um dos principais expoentes da onda do “Helenismo do Terceiro Renascimento”, onde se pretendia um retorno radical aos estudos helenísticos, mas

também via-se no helenismo uma filosofia de vida contemporânea, muito relacionada com a religiosidade russa que opunha Roma - catolicismo a Grécia - ortodoxia russa.

Sua formatura ocorreu em 1918, período das muitas guerras civis e revoluções russas, além de ser o ano em que se acabava a grande guerra, e uma calamidade intensa se estendia por todo território russo, além do inverno histórico ocorrido em meados desse período. Esses eventos prejudicaram muito Bakhtin que não era homem engajado, nem prático, priorizava aspectos da interioridade, tampouco lhe agradava o marxismo vulgar pós-revolução russa. Assim Bakhtin, foi levado a se mudar para Nevel, cidade de 13000 habitantes, que fora sucessivamente, território da Polônia, Lituânia e desde 1772 da Rússia. e se constituía uma cidade essencialmente judaica. Nessa cidade Bakhtin foi professor de uma escola secundária e mais importante, se envolveu com um círculo de intelectuais de alto nível, que se tornaria famoso para a posteridade, apesar da provincialidade da cidade e de sua fraca repercussão durante sua contemporaneidade. Apesar de Bakhtin ter se envolvido em vários círculos de diferentes interesses de discussão ao longo de sua vida, esse de Nevel, se destaca por ser único que temos mais conhecimento – apesar de mesmo assim serem escassas as informações – e também se destaca pela importância particular que teve no restante da vida e obra de Bakhtin, a sua continuidade, apesar da mudança de cidade.

O Círculo de Nevel, se constituiu de reuniões de intelectuais de distintas áreas do conhecimento, cujos encontros pretendiam dialogar para a obtenção de intercâmbio intelectual entre as diferentes disciplinas, porém se sabe pouco dessas reuniões apesar de sabermos de duas de suas ambições: em primeiro lugar tinham o projeto de “ilustração das massas” (2004, p. 70) e em segundo “alimentavam a idéia da criação de uma Escola de Filosofia de Nevel” (*idem.* p. 65). Ambos projetos foram frustrados, embora o primeiro tenha sido posto em prática em alguns momentos. O fim do círculo de Nevel ocorreria em três anos, a saber, 1921. José Luiz Fiorin citando Carlos Alberto Faraco (2009, p.16) fala de dois projetos teóricos: “construir uma *prima philosophia* e uma teoria marxista da superestrutura” (2006, p.16).

Nesse círculo se encontravam figuras como o bacteriologista Koliubakin, o engenheiro Zinovievitch Ruguevitch; Valentin Voloshinov que apesar de ter estudado

direito por pouco tempo, se interessava por música – sobretudo piano –, poesia e filosofia; o maçom e místico Boris M. Zubákin; Vasiliévitch Pumpiânski, que apesar de não ter nenhuma formação superior tinha um vasto conhecimento multidisciplinar; Maria V. Iudina, concertista de piano e engajada em trabalhos relacionados com a revolução; e Matvei I. Kagan, a mais resplandecente figura do círculo, que se destacava por ter estudado filosofia na Alemanha, onde conheceu o neokantianismo diretamente de seus primeiros proponentes, mas também se destacava devido ao fato de ser mais velho que os demais membros e por suas experiências de trabalho e de suas publicações, principalmente na área de filosofia.

Gradativamente esse círculo deixava de existir por que seus membros estavam se mudando para a cidade de Vitebsk, e em algum momento Vitebsk foi como uma segunda sede do mesmo círculo, mas, em 1921 quando o círculo de Nevel deixou de existir, Vitebsk o substituiu apesar de entrada de novos membros e saída de antigos. Após Vitebsk o círculo foi para Leningrado, cada vez mais o escopo de interesses do círculo aumentava tremendamente. A existência desses círculos de acadêmicos que discutiam múltiplas questões fundamentava o principal conceito de Bakhtin, o dialogismo. Pois nesse círculo ninguém era proprietário de nenhuma das idéias que circulavam, todas elas eram frutos de diálogo, portanto tinham uma gênese comunitária. Talvez esteja relacionado com esse fato a intrigante questão das obras dos membros do círculo que tem sua autoria questionada.

Essa problemática se dá devido ao fato de três livros: *Marxismo e Filosofia da linguagem* (2010), *Freudismo* (2009) e *O método formal nos estudos literários* (1994), e também o artigo *Discurso na vida e discurso na arte*, dentre vários outros artigos, serem atribuídos aos nomes de membros do círculo, mas que com o passar do tempo surgiu a desconfiança de que fossem escritos por Bakhtin que por motivos pragmáticos preferiu deixar que seus colegas assumissem a autoria. Existem argumentos que defendem a autoria bakhtiniana, como os apresentados por Mariana Yaguello na introdução de *Marxismo e Filosofia da linguagem* (2010, pp.11-19) e existem também argumentos que refutam essa afirmativa apresentando uma diferença significativa entre os livros de autoria autêntica e inautêntica, como a de Carlos Alberto Faraco (2009, pp.99-157). Porém, parece-nos mais interessante entender esse conflito como algo que

põe na prática as teorias de Bakhtin, pois nesses textos vemos várias vozes em diálogo e interdependência, não importa de quem era a caneta que o pôs no papel, suas teorias reivindicam as ideias do círculo.

As reuniões cessariam com o crescimento da repressão por parte do governo russo aos movimentos suspeitos. Embora a obra dos membros do grupo, em geral, não suscitasse desconfiança, Bakhtin foi condenado ao exílio por envolvimento em grupos de discussão suspeitos, como era o caso de três grupos de discussão de filosofia da religião que ele possivelmente se envolvera, os quais são Volfila, Irmandade de São Serafim e Voskresenie. Ao ser exilado em 1930, Bakhtin é acusado de corromper os jovens, e não pelo que ele escreveu.

Apesar da condenação de Bakhtin estar relacionada com questões religiosas, os estudiosos de Bakhtin no Brasil pouco falam a esse respeito, talvez, por que a despeito do apreço que Bakhtin goza na academia brasileira, a religião continua sendo considerada por boa parte da academia brasileira como um estudo relacionado a interesses de épocas passadas, que não interessam para as instituições laicas. Dessa forma dentre quatro livros organizados por Beth Brait sobre os conceitos de Bakhtin (2008 A) (2008 B), (2009), (2010), e nas breves introduções ao pensamento bakhtiniano de Carlos Alberto Faraco (2009) e José Luiz Fiorin (2006), nada consta que esteja relacionado com religião, apesar de sua alta importância na teoria bakhtiniana. Em contrapartida, Katerina Clarck e Michael Holquist destacam a religiosidade de Bakhtin que o levava a ser chamado por seus companheiros de “homem da igreja”. Apesar de saber que sua teologia não era de seminário, mas sim da sofisticada *intelligentsia* (2004, p.146).

A referida *intelligentsia* era um sentimento que pairava sobre os intelectuais russos contemporâneos ao círculo de Bakhtin, que se baseava em relacionar a teologia com diferentes disciplinas, sobretudo, as ciências exatas, ideia que tinha suas raízes no idealismo alemão, relacionado principalmente com Fichte e Schelling, o que prova que os movimentos nos quais Bakhtin estava envolvido não somente não viam oposição entre religião e ciência, ou religião e revolução, como pelo contrário, tinham a religião em altíssima estima. Maior símbolo da *intelligentsia* foi o padre Paviel A. Florêski, que

era físico, matemático, inventor, filósofo, historiador, arqueólogo, teólogo, filólogo e historiador da arte, dentre outras atividades não classificáveis.

Bakhtin amargou quinze anos no exílio, de 1930 a 1945, peregrinando pelas cidades de Kustanai do Cazaquistão, onde se submeteu a função como professor de contabilidade de criadores de porcos; Saransk na Mordóvia, onde lecionou no Instituto Pedagógico da Mordóvia – lá ele foi considerado um departamento de literatura de um homem só; e Savelovo, onde foi professor de alemão e escreveu prolixamente, vivendo a custa de favores de amigos, até ser restituído a Saransk. Contudo, o exílio foi proveitoso, no que diz respeito a sua produção bibliográfica, duas de suas obras foram produzidas nesse período: *Cultura popular na idade Média e no Renascimento no contexto de François Rabelais* (2010) e alguns textos sobre teoria do romance que seriam reunidos e editados sobre o título *Questões de Literatura e de Estética* (2010).

Novamente em Saransk Bakhtin obteria um status lentamente crescente até sua aposentadoria em 1960, pois ali, tornara-se chefe do Departamento de Literatura Geral. Após sua aposentadoria ele se dedicaria a escrever, porém nenhum de seus textos desse período chegou ao termo. Alcançou popularidade dentre os alunos, e seu livro *Problema da poética de Dostoievski* atraiu discípulos, mesmo quando sua atividade acadêmica havia cessado oficialmente. Seus seguidores lutaram – e triunfaram – para que seus textos fossem editados e que seu nome se tornasse mais popular, inclusive internacionalmente, porém, a essa altura Bakhtin e sua esposa Elena, já estavam debilitados demais, o que lhes restou foi o fim da vida em estado de grave enfermidade passando em asilos em Moscou e gastando o dinheiro que passava a receber com os direitos autorais com o cuidado sua saúde, até sua morte em 1975.

Esta foi a apresentação da vida de Bakhtin tentando relacioná-la com o desenvolvimento de suas teorias, não que imaginemos que haja uma necessidade intrínseca entre teoria e práxis, mas apenas apontando que os conceitos, por mais teóricos que sejam, encontram-se ancorados na vida e na existência, mesmo que nem sempre estejam a disposição de utilitarismo pragmáticos, mas temos que salientar que um dos eixos de seu pensamento era a luta contra o teoreticismo (FARACO, 2009, p. 16).

Contudo, ainda restam duas das características de Bakhtin, que se ancora em sua própria vida e também se manifesta em seus conceitos, que é a “pluralidade” e em certo aspecto a “contradição”.

A pluralidade de Bakhtin se manifesta na enorme quantidade de assuntos distintos dos quais ele abordou em sua obra nas diversas fases de sua vida. De 1918 a 1924 teve sua fase filosófica, influenciado pelo neokantismo e pela fenomenologia, quando escreveu *Para uma filosofia do ato ético* (1998) e *Autor e personagem na atividade estética* (2010). De 1925 a 1929 escreveu sobre os temas intelectuais contemporâneos, foi quando escreveu – talvez em parceria com o Circulo – *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2010), *Freudismo* (2009), *O método formal nos estudo literário* (1994) e *O Problema da poética de Dostoievski* (2010). Na década de 1930 se preocupou com a teoria do romance e com a poética histórica, foi quando escreveu sua tese de doutorado não aceita *Cultura popular na idade Média e no Renascimento no contexto de François Rabelais* (2010) e alguns textos sobre teoria do romance que seriam reunidos e editados sobre o título *Questões de Literatura e de Estética* (2010). E, finalmente, nas décadas de 60 e 70 retornou às reflexões sobre a metafísica da linguagem, através de seus textos fragmentários, que estão no livro editado postumamente *Estética da criação verbal* (2010) no terceiro capítulo, intitulado pelo editor como *Adendo* (2010), ali se encontra seu texto que repercutiu muito no Brasil, sobretudo na área de educação, *Os gêneros do discurso*, dentre outras anotações que pretendiam integrar obras que não foram concluídas.

A contradição a ser destacada em Bakhtin é aquela que diz respeito à ambivalência, à bilateralidade, à abertura semântica, à proximidade da morte com a nova vida, idéias manifestas em suas obras de diferente cunho. Relacionando com isso o fato de que em *Cultura popular na idade Média e no Renascimento no contexto de François Rabelais*, Bakhtin valorizou os prazeres da bebida forte, da comida em abundancia, da união dos corpos e da subversão simbólica das festas carnavalescas, contudo a vida do próprio Bakhtin foi uma vida ascética por opção, pelo que se sabe só teve uma mulher, com a qual passou por graves crises financeiras, beirando a miséria por vários momentos, além das calamidades financeiras Bakhtin teve uma vida de enfermidades intensas, sua osteomielite levou a perder uma perna antes dos quarenta

anos de idade, e a outra no fim da vida, o seu vício no tabaco lhe custou um enfisema pulmonar que fez com que seus últimos anos de vida fossem vegetativos em sua casa-hospital. Em contrapartida a sua forte resistência ideológica, nunca teve uma atitude concreta de subversão, devido a sua característica introspecção.

Tudo isso torna impossível classificar Bakhtin entre os enclausurastes termos “filósofo”, “lingüista”, “filólogo”, “crítico-literário”, “semiólogo”, embora saibamos que ele exerceu todas essas atividades, melhor chamá-lo apenas de pensador.

2. Conceitos

Após apresentar sucintamente a vida de Bakhtin apresentaremos alguns de seus conceitos, os quais, elegemos arbitrariamente, pois não pretendemos uma sistematização exagerada de seu pensamento, pois estamos conscientes de que isso seria contradizer ao próprio Bakhtin. Contudo serão apresentados seus conceitos, sempre os situando em suas obras, para que assim o leitor possa certificar-se nas fontes e aprofundar-se nos estudos através das mesmas. Apresentaremos aqui os seguintes conceitos e teorias: “Dialogismo”; “Gêneros discursivos”; “Vozes do discurso”; “Cronotopo”; “Exotopia”; e o outro” e “Realismo grotesco e carnavalização”.

2.1 Dialogismo

Para esclarecimento deste conceito recorreremos à crítica feita pelo Circulo de Bakhtin ao estudo do enunciado realizado pelos seus contemporâneos, aos quais se opunham, a qual se encontra em *Marxismo e filosofia da linguagem*

“A linguística, como vimos, está voltada para o estudo da enunciação monológica isolada. Estudam-se documentos históricos, em relação aos quais os filólogos adotam uma atividade de compreensão passiva. Assim, todo trabalho desenvolve-se nos limites de uma dada enunciação. Os próprios limites da enunciação como uma entidade total, são pouco percebidos. O trabalho de pesquisa, reduz-se ao estudo das relações imanentes no interior do terreno da enunciação. Todos os problemas

daquilo que poderia se chamar de ‘política externa’ da enunciação ficam excluídos do campo da observação. Consequentemente, todas as relações que ultrapassam a os limites da enunciação monológica constituem um todo que é ignorado pela reflexão linguística” (2010, p.108).

Em contrapartida a essa realidade, o Circulo apresentou seu conceito de *dialogismo*, segundo o qual, todo enunciado/texto existe, necessariamente, em relação, ou para relação de outros enunciados, ou seja, todo discurso traz algo do discurso de outrem e ao mesmo tempo é realizado e absorvido para outros e por outros.

Portanto, o enunciado, seja ele verbal, ou esteja presente em uma inscrição em uma parede ou em uma obra de arte ou em uma obra literária, ou possivelmente seja manifesto de outras maneiras, ele sempre e necessariamente possui fontes em outros enunciados, pois está se comunicando com eles. O texto não é estático e portanto não deve ser compreendido pelos estudiosos do discurso, isoladamente da cadeia dialógica que o cerca, como o fazem os filólogos, e na esteira destes, os linguistas criticados pelo Circulo.

A partir do conceito bakhtiniano de *dialogismo* Carlo Ginzburg criou seu conceito de *circularidade da cultura*, que resumido em algumas de suas palavras, tal idéia se descreve assim: “ (...) é o influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica” (1997, p.13). Assim, um enunciado, ou um discurso não pode ser compreendido se não for estudado em seu aspecto dialógico, o qual supera as tradicionais classificações sociais e pode possuir raízes profundas que chegam até longínquos e remotos períodos da antiguidade.

Contudo, mais interessante para nós do que destacar sua característica temporal e evolutiva é destacar sua dinâmica no tempo presente, que é manifesto na resposta, na réplica, na pergunta responsiva, na crítica, na adesão e possivelmente de outras maneiras. Todo texto que se manifesta e alcança outro é dialógico, portanto seu estudo e sua compreensão não podem ser monologizados, isto é, tornado independente da corrente de interações que o constitui.

Para o Circulo, diálogo não é apenas o ato de pergunta e resposta, entre pessoas, esse é apenas um aspecto do diálogo, o chamado “diálogo real”. Na concepção do circulo, a realidade dialoga entre si, e esse diálogo atravessa o mundo e as eras.

2.2. Gêneros discursivos

Quanto aos *Gêneros do discurso*, Mikhail Bakhtin elaborou sua própria teoria a esse respeito (2010, pp. 261-306), e nessa teoria, assim como em suas demais, não há sistematização, tampouco há pretensão de uma listagem dos gêneros. Pois quando ele fala dos gêneros do discurso ele pretende salientar sua dimensão dialógica, ou seja, o fenômeno que ocorre na esfera dos interlocutores, no efeito do diálogo, que é uma corrente ininterrupta e constante de pergunta e resposta *ad infinitum*. Assim, para Bakhtin, as formas de gênero são infinitas, assim como são infinitas as formas de atividade humana, com as quais os gêneros sempre estão necessariamente relacionados.

Dessa maneira, Bakhtin compreende que o gênero do discurso se manifesta na comunicação através do tom da voz e através de uma série de códigos implícitos que são percebidos pelos interlocutores, mas que ficaria sem sentido para aquele que está fora do âmbito desse diálogo. Como aquelas piadas regionalistas, ou aqueles insultos que um amigo faz ao outro através de um xingamento que não é compreendido como ofensa, mas como expressão de laços íntimos de amizade ou familiaridade.

Pois, em um diálogo não há passividade nem no sujeito do discurso, tampouco no ouvinte, visto que, conforme Bakhtin:

“(...) toda compreensão plena e real é responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma que ela se dê). O próprio falante está determinando precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (os diferentes gêneros do discurso pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes)” (2010, p. 272).

Essas palavras de Bakhtin representam aquele mesmo processo que Carlo Ginzburg intitulou como “filtro deformador” em seu livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição* (1997). Nesse livro, Ginzburg explica o processo hermenêutico, ou epistemológico, que ocorria através da leitura que um moleiro friuliano realizava de alguns escritos religiosos. Adaptando suas leituras a elementos de sua própria imaginação e de seu cotidiano, assim como as relacionava com outras leituras, mas que nada tinham a ver com aquilo que estava escrito propriamente nos livros consultados.

Portanto, as palavras que compõem um diálogo - seja ele manifesto através de leituras, comunicação verbal, inscrições em paredes, ou por qualquer outro meio que realize uma ligação comunicativa entre dois indivíduos - são sempre neutras. Pois possuem uma ambivalência intrínseca que só pode ser discernida pelo gênero discursivo, que é muito negligenciado pelos estudiosos de literatura em geral e especialmente pelos exegetas bíblicos, que normalmente só levam em conta o gênero literário.

Mais uma vez, conforme Bakhtin em *Os gêneros do discurso*: “falamos apenas através de gêneros sem suspeitar que eles existam, pois eles nos são dados da mesma forma da língua materna” (2010, p. 282), pois através do gênero se torna possível adivinharmos o discurso alheio (*idem*, p.283). E, uma vez que é possível que se domine uma língua, sem que se domine os seus gêneros, estes se tornam indispensáveis para a compreensão mútua em um diálogo (*idem*, p.284), pois são eles que dão coesão à compreensibilidade de um enunciado (*idem*, p.286).

Esses fatos fazem com que seja impossível listar esses gêneros, principalmente por que surgem novos com o passar do tempo, como os que vêm sendo desenvolvidos nos meios de comunicação eletrônico, como torpedo sms, e-mail, chat, blog, etc.

2.3. Vozes do discurso

O conceito conhecido como *vozes do discurso*, também foi referido por Bakhtin como *plurivocidade*, *heteroglossia* e *bivocalidade*. Significa, resumindo em poucas palavras, que um enunciado, ou discurso é permeado por discursos ou enunciados que o antecedem, e como conseqüência em alguma instancia o reproduz, e que esses discursos ou enunciados antecedentes não pertenciam exatamente a uma pessoa, mas sim ao meio social que esse indivíduo pertencia, pois quem se pronuncia, pronuncia a voz de uma sociedade, que às vezes longínqua está no tempo e no espaço.

Esse conceito é constantemente confundido com outro conceito bakhtiniano mais famoso, a *polifonia*, mas uma coisa não tem a ver com a outra, visto que a polifonia – que não nos interessa nesse texto – é um conceito que Bakhtin criou especificamente para designar o projeto estético de Dostoievski, onde a voz dos personagens e a voz do autor falavam em uma mesma altura. Não vem ao caso aprofundar essa descrição, cabe-nos apenas distingui-la do que chamamos de *vozes do discurso*.

Nessas vozes do discurso, além da voz do sujeito da oração (falante) e do ouvinte que a interprete a sua própria maneira – como apresentamos no conceito anterior – ainda existe as vozes daqueles que já disseram algo a respeito daquilo que está sendo dito.

Em *Cultura popular na idade média e no renascimento – O contexto de François Rabelais* Bakhtin apresenta a obra literária do referido autor renascentista como manifestação do carnaval popular que tem suas raízes nas antiqüíssimas festas pagãs conhecidas como *satunais*. Ao longo desse livro – que é a sua tese de doutorado não aceita como tal, durante o período de sua vida – ele demonstra a quantidade enorme de vozes que constituem os romances rabelaisianos, que não remontam apenas a autores como Luciano de Samosata, Ésquilo, Sêneca, Macróbio, Sócrates, dentre outros, mas também a eventos festivos populares que se manifestaram desde a antiguidade até o período medieval, como cultura popular não escrita e não teorizada.

Bakhtin assim descreve tal fenômeno:

“O autor (falante) tem seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (por que não há palavra sem dono). A palavra é um drama do qual participam três personagens (não é um dueto, mas um trio). Ele não é representado pelo autor e é inadmissível que seja introjetado (introjeção) no autor”(2010, p.328).

E mais adiante:

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (*idem*. p.330).

2.4. Cronotopo

Em *Questões de Literatura e de Estética* (2010), onde se reúnem quatro ensaios de Bakhtin editados postumamente, se manifesta com brilho especial, o conceito “cronotopo”, que se baseia na forma de organizar o tempo e o espaço no romance, que apesar de sua restrição à obra literária tem uma relação de interação com a vida no mundo real, nas épocas passadas, quando o romance teve origem.

Com esse conceito Bakhtin apresentou alguns modelos de estrutura dos romances da antiguidade, que se baseiam na relação dos personagens com o tempo e espaço manifestos no romance, no qual, estão enquadrados, independente de qualquer outra classificação externa.

Nesse texto o romance é encarado como um gênero, mais ou menos conforme as proposições de seu texto tardio *Gêneros do discurso* que apresentamos acima. Não um gênero como qualquer outro, mas como o gênero principal na história da literatura, que se ancora onde até então achava-se que não havia romance, como na

Atenas de Platão, apesar disso o romance se isenta de classificações canônicas e hierárquicas, por catalisar características de vários outros gêneros.

Para exemplificar, tomemos como exemplo o cronotopo “tempo de aventura”, onde existem dois eventos principais: o momento da paixão entre um casal e o momento em que esses dois se unem através do casamento, porém, entre esses dois eventos ocorre a aventura que se manifesta de várias formas diferentes. Toda essa aventura não ocorre envolta de um ou de outro personagem, mas sim, envolta do que há entre eles. Todo o evento que acontece no período que separa o casal é algo que não altera em nada a conclusão do romance, pois no fim os dois heróis sempre se unirão de maneira semelhante a que estavam quando se encontraram, “castos, belos e apaixonados”.

Nesse cronotopo, tempo e espaço são totalmente abstratos, pois o que ocorre no romance está fora de outras formas de classificação do tempo, não há período histórico, não há nada da lógica do tempo cotidiano e biográfico. Semelhantemente, a geografia também é um elemento indiferente, onde quer que se esteja os efeitos geográficos são neutros.

2.5. Exotopia

O conceito de exotopia está relacionado com a atividade estética e a possibilidade que essa seja vista de fora, visto que isso é sugerido pela sua tradução literal, “lugar exterior”. Pois, a partir do momento em que nos distanciamos do objeto – não como na ilusão positivista de neutralidade, mas distanciamento em relação a tempo e espaço – se torna possível uma visão mais apurada desse texto (texto no sentido bakhtiniano), pois não estamos mais cercados pelas incertezas e aflições que estavam em torno de seus contemporâneos, e as várias reflexões que se fizeram durante esse espaço que nos separa do texto fez com que se criasse uma gama de interpretações que nos apresenta melhor aquele texto que na imediatez de sua elocução pode ter sido mal compreendido, ou totalmente distorcido.

Esta idéia se encontra nos textos mais antigos de Bakhtin, durante sua fase filosófica entre os anos 1918 e 1924, no livro *Para uma filosofia do ato ético* (1998), onde sua preocupação era o problema da existência do dualismo entre mundo da matéria e mundo da vida e também em *Autor e personagem na atividade estética* (2010), quando escreve sobre o ponto de vista do autor em relação e ao herói, personagem.

Mas essa idéia, apesar de certa evolução em sua teoria, também é retomada nos seus últimos textos. Em *Os estudos literários hoje* que é sua resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*, onde afirma que o grande tempo gera um efeito positivo na obra literária, em suas palavras:

“A vida das grandes obras nas épocas futuras e distantes, como já afirmei, parece um paradoxo. No processo de sua vida *post mortem* elas se enriquecem com novos significados, novos sentidos; é como se essas obras superassem o que foram na época de sua criação” (2010, p.363).

Com essas palavras Bakhtin parece afirmar que com o tempo o texto adquire uma autonomia em relação a sua origem e que tal autonomia não deve ser vista como perda do significado original, mas como enriquecimento de significado e sentido, pois as gerações futuras, através de suas repetidas leituras do mesmo texto e das reflexões que vão para vários sentidos diferentes têm uma compreensão mais apurada do que os contemporâneos, e até mesmo do que o autor que não podia imaginar que seu texto iria tão longe.

Contudo, Bakhtin tem uma espécie de misticismo escatológico da linguagem, ele acredita que um dia os textos cobrarão, ou retomarão seus significados, em um grande simpósio, em suas palavras:

“Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos,

acabados de uma vez por todas); eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (2010, p.410).

2.6. Carnavalização e realismo grotesco

Os conceitos que agora apresentaremos estão presentes nos livros *Problemas da poética de Dostoiévski* e *Cultura popular na idade média e no renascimento no contexto de François Rabelais*. No primeiro livro referido acima, Bakhtin realiza uma história do romance e relaciona sua gênese com o período helenístico, quando do nascimento de um gênero literário chamado sátira menipéia.

Nesta época, onde está a gênese do romance, autores como Luciano de Samosata, Ésquilo, Sêneca, Macróbio, Sócrates deram vida a uma forma de texto risível, cômico, engraçado. Estes textos não produziam um riso destrutivo e interesseiro como a sátira de Petrônio e Juvenal, que zombava dos homens que não se enquadravam nos valores romanos contemporâneos. A literatura engraçada continuaria a circular na Europa no período medieval, apesar de certa repressão circulavam livros que descreviam banquetes de bandidos e injúrias, que soavam engraçadamente ao leitor medieval, como *Coena Cypriani*.

Essa cultura do riso não se manifestava somente através da literatura, mas também através das festas populares, a princípio, no mundo antigo greco-romano através das saturnais e depois, na idade média, através do carnaval e de outras manifestações populares, como a festas dos loucos e a linguagem da feira e das ruas, onde se manifestava oralmente a cultura popular que, até então não havia chegado aos textos escritos.

Em *Cultura popular na idade média e no renascimento no contexto de François Rabelais* Bakhtin retoma as proposições a respeito da cultura popular,

focalizando, dessa vez, o renascimento, onde novamente, e com toda força, floresceu essa cultura do riso, apresentando especialmente a obra de François Rabelais.

Conforme sua tese, Rabelais, ao lado de Cervantes e de outros contemporâneos, foi um catalisador de uma cultura antiqüíssima que estava presente nas ruas, nas feiras e no carnaval popular, que foi transposta ao papel em sua obra *Gargantua e Pantagruel*. O efeito de transpor essa cultura à literatura e à arte recebeu o nome de “carnavalização”.

A linguagem da carnavalização – que também é uma cosmovisão – é a dos insultos, do baixo ventre, palavras de baixo calão, dos xingamentos entre familiares que manifestam laços de proximidade, da inversão de valores e do *realismo grotesco*.

O carnaval foi escolhido por que este era o momento em que a cultura do povo encontrava oportunidade para uma subversão não destrutível, onde o pobre e o rico eram nivelados, pois, nas apresentações do inferno medieval era isso o que se manifestava, “Alexandre o Grande remendava calções e assim ganhava a vida, Xerxes lá vende mostarda, Rômulo é lenhador, Dário limpador de latrinas”.

O *realismo grotesco* está essencialmente associado com a carnavalização, são manifestações da contraditoriedade, do movimento e do inacabamento, Bakhtin o designa como “tipo específico de imagens da cultura cômica popular em todas as suas manifestações” (2010, p.27). As imagens grotescas procedem da antiguidade, com o passar do tempo foram cada vez mais postas às margens, até serem, no século XVIII, consideradas como mera anedota burguesa.

As imagens do *realismo grotesco* estão relacionadas com a proximidade entre morte e vida, como nas imagens das *Bruxas de Kerch* que são velhas cadavéricas grávidas. Ou as imagens de fezes e urina que na antiguidade eram ambivalentes por serem representantes da ligação do ser humano com a terra e também dos órgãos genitais que estão envolvidos no processo execrarem a matéria imunda do interior do corpo e ao mesmo tempo estão envolvidos na produção da vida. No carnaval e no *realismo grotesco* todas as coisas são valoradas diferentemente da forma imposta pelas culturas oficiais.

3. Considerações finais

Com essas palavras realizamos nosso intento de uma apresentação previa da vida e dos conceitos de Mikhail Bakhtin. Sabemos da limitação de nossas palavras, devido à pequena dimensão de nosso texto em relação a enorme abrangência de nosso objeto, contudo nos esforçamos para apresentá-lo em sua inteireza, não polarizando um determinado *Bakhtin genérico* de uma área do conhecimento que se apossa dele. Em contra partida sabemos que esse intento de apresentá-lo em sua inteireza faz com que muito de sua vida e obra seja suprimida, mas tal supressão é efeito natural do tipo de texto que aqui se inscreveu, pois conscientemente elegemos arbitrariamente alguns de seus conceitos. .

O intento maior foi o de apresentar o pensador russo e instigar os que não o conheciam a ir direto as fontes, já que todos seus livros se encontram traduzidos para o inglês, o espanhol e para o português. Mas, por outro lado, também me referi aqui aos seus principais biógrafos e aos seus principais estudiosos brasileiros.

O efeito de não polarizar os conceitos de Bakhtin a nenhuma das áreas da ciência, nem a nenhuma disciplina acadêmica em particular, dá maior liberdade à apropriação de seus conceitos, os quais, ligamos a sua própria vida.

Portanto, como nosso objeto de pesquisa, devemos aceitar, e ver positivamente, o inacabamento desse intento, e que a pluralidade interpretações que pode surtir dele é o que poderia haver de mais positivo, assim lançamos nossa interpretação, como texto aberto à grande correia dialógica que envolve o mundo, na expectativa certa de que ele ganhará novos entornos e acabamentos.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *A respeito de problemas da obra de Dostoievski*. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp.195-202.
- _____. *Adendo*. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp. 261-468.
- _____. *Autor e personagem na atividade estética*. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp.3-192.
- _____. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Barcelona/San Juan: Anthropos/EDUPR, 1998.
- _____. *O romance de educação e sua importância na história do realismo*. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp.205-258.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski – 5ª edição*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2010.
- _____/MEDVEDEV, Pavel. *El método formal em los estudios literários*. Buenos Aires: Alianza, 1994.
- _____/VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem – 14ª edição*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- _____/VOLOCHINOV, Valentin. *O freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- _____. (org.). *Bakhtin: Dialogismo e polifonia*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- _____. (org.). *Bakhtin: Dialogismo e criação do sentido - 2ª edição*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- _____. (org.). *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- CLARCK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo, as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

YAGUELLO, Marina. *Introdução*. In: BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem – 14ª edição*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.